LIÇÃO 10 - A Teoria Platônica das Ideias

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 987a 29-988a 17

> *69. Após as filosofias descritas, veio o sistema de Platão, que as seguiu em muitos aspectos, mas também teve outras [teses] próprias, além da filosofia dos italianos. Pois Platão, concordando desde o início com as opiniões de Crátilo (362) e Heráclito de que todas as coisas sensíveis estão sempre em fluxo, e que não há conhecimento científico delas, também aceitou essa doutrina em anos posteriores. No entanto, quando Sócrates, ocupando-se de assuntos morais e negligenciando a natureza como um todo, buscou o universal nessas questões e fixou seu pensamento na definição, Platão o aceitou por causa desse tipo de investigação, e assumiu que essa consideração se refere a outras entidades e não às sensíveis. Pois [segundo ele] é impossível que haja uma definição comum de qualquer uma dessas coisas sensíveis que estão sempre mudando. A tais entidades, então, ele chamou de Ideias ou Formas (espécies); e disse que todas as coisas sensíveis existem por causa delas e em conformidade com elas; pois há muitos indivíduos do mesmo nome devido à participação nessas Formas. Com relação à participação, ele [meramente] mudou o nome; pois enquanto os pitagóricos dizem que as coisas existem por imitação dos números, Platão diz que elas existem por participação, mudando o nome. No entanto, o que essa participação ou imitação das Formas é, eles comumente negligenciaram investigar.*
>
> *70. Além disso, ele diz que, além das coisas sensíveis e das Ideias, existem os objetos da matemática, que constituem uma classe intermediária. Estes diferem das coisas sensíveis por serem eternos e imóveis; e das Ideias por haver muitos semelhantes, enquanto cada Ideia é apenas uma em si mesma.*
>
> *71. E visto que as Formas [ou Ideias] são as causas das outras coisas, ele pensou que os elementos destas são os elementos de todas as coisas existentes. Portanto, segundo ele, o grande e o pequeno são princípios como matéria, e o uno como substância [ou forma]; pois é a partir destes, pela participação no uno, que as Ideias são números.*

> *72. No entanto, Platão disse que o uno é substância e que nenhum outro ser deve ser chamado de uno, assim como os pitagóricos fizeram; e como eles, também disse que os números são as causas da substância real.*
>
> *73. Mas postular uma díade no lugar do uno indeterminado, e produzir o ilimitado a partir do grande e do pequeno, é peculiar a ele. Além disso, ele diz que os números existem separados das coisas sensíveis, enquanto eles dizem que as próprias coisas são números. Ademais, eles não sustentam que os objetos da matemática são uma classe intermediária.*
>
> *74. Portanto, seu fazer o uno e os números existirem separados das coisas e não nas coisas, como os pitagóricos fizeram, e sua introdução das Formas separadas, deveram-se à sua investigação das estruturas inteligíveis das coisas; pois os primeiros filósofos ignoravam a dialética.*
>
> *75. Mas seu fazer a díade [ou dualidade] ser uma natureza diferente deveu-se ao fato de que todos os números, com exceção dos números primos, são naturalmente gerados a partir do número dois como uma matriz.*
>
> *76. No entanto, o que acontece é o contrário disso. Pois essa visão não é razoável; porque os platônicos produzem muitas coisas a partir da matéria, mas sua forma gera apenas uma vez.*
>
> *77. E de uma matéria, uma medida parece ser produzida, enquanto aquele que induz a forma, embora seja um, produz muitas medidas. O macho também se relaciona com a fêmea de maneira semelhante; pois esta é fecundada por um ato, mas o macho fecunda muitas fêmeas. E tais são as mudanças nesses princípios. Concernente às causas sob investigação, então, Platão as define assim.*
>
> *78. Do relato anterior, é evidente que Platão usou apenas duas causas: uma sendo a quididade de uma coisa, e a outra, a matéria; pois as Formas são a causa da quididade em outras coisas, e o uno é a causa da quididade nas Formas. O que é a matéria subjacente da qual as Formas são predicadas no caso das coisas sensíveis, e o uno no caso das Formas, também é evidente, ou seja, que é esta dualidade, o grande e o pequeno. Além disso, ele atribuiu a causa do bem e do mal a esses dois elementos, um para cada um deles; o que é antes um problema, como dizemos (48), que alguns dos primeiros filósofos, como Empédocles e Anaxágoras, [tentaram] investigar.*

COMENTÁRIO

Platão e a forma

151. Tendo apresentado a opinião dos filósofos antigos sobre a causa material e eficiente, ele apresenta uma terceira opinião, a de Platão, que foi o primeiro a introduzir claramente a causa formal. Isso se divide em duas partes. Primeiro, ele apresenta a opinião de Platão. Segundo (171), a partir de todas as observações anteriores, ele faz um resumo das opiniões que os outros filósofos expressaram sobre as quatro classes de causas ("Nós examinamos").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta a opinião de Platão sobre as substâncias das coisas; e segundo (159), sua opinião sobre os princípios das coisas ("E uma vez que as Formas").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta a opinião de Platão enquanto ele postulou as Ideias; e segundo (157), enquanto postulou substâncias intermediárias, a saber, os entes matemáticos separados ("Além disso, ele diz").

Ele diz, primeiramente, que após todos os filósofos anteriores veio o sistema de Platão, que foi imediatamente anterior a Aristóteles; pois Aristóteles é considerado seu discípulo. E mesmo que Platão tenha seguido em muitos aspectos os filósofos naturais que o precederam, como Empédocles, Anaxágoras e outros, ele teve, no entanto, certas doutrinas próprias adicionais às dos filósofos anteriores, por causa da filosofia dos italianos, ou pitagóricos. Pois, na medida em que se dedicou ao estudo da verdade, buscou os filósofos de todas as terras para aprender seus ensinamentos. Assim, veio a Tarento, na Itália, e foi instruído nos ensinamentos dos pitagóricos por Árquitas de Tarento, um discípulo de Pitágoras.

152. Ora, Platão parece seguir os filósofos naturais que viveram na Grécia; e deste grupo, alguns dos membros posteriores sustentaram que todas as coisas sensíveis estão sempre em fluxo, e que não pode haver conhecimento científico delas (o que era a posição de Heráclito e Crátilo). E como Platão se acostumou com posições desse tipo desde o início, e concordou com esses homens nessa posição, que ele reconheceu como verdadeira nos anos posteriores, disse, portanto, que o conhecimento científico das coisas sensíveis particulares deve ser abandonado. E Sócrates (que era mestre de Platão e discípulo de Arquelau, um pupilo de Anaxágoras), por causa dessa posição, que surgiu em seu tempo, de que não pode haver ciência das coisas sensíveis, não quis fazer qualquer investigação sobre a natureza das coisas físicas, mas apenas se ocupou com questões morais. E nesse campo, ele primeiro começou a investigar o que é o universal e a insistir na necessidade da definição.

153. Daí, Platão, sendo discípulo de Sócrates, "aceitou Sócrates", i.e., seguiu-o, e adotou esse método com o propósito de investigar os seres naturais. Ele o fez acreditando que, no caso deles, o universal neles poderia ser compreendido com sucesso e uma definição poderia ser atribuída a ele, não sendo dada nenhuma definição para qualquer coisa sensível; porque, como as coisas sensíveis estão sempre "mudando", i.e., sendo mudadas, nenhuma estrutura inteligível comum pode ser atribuída a qualquer uma delas. Pois toda definição deve conformar-se a cada coisa definida e deve sempre fazê-lo, e assim requer algum tipo de imutabilidade. Daí, entidades universais desse tipo, que são separadas das coisas sensíveis e às quais as definições são atribuídas, ele chamou de Ideias ou Formas das coisas sensíveis. Ele as chamou de Ideias, ou exemplares, na medida em que as coisas sensíveis são feitas à semelhança delas; e as chamou de Formas na medida em que [as coisas sensíveis] têm ser substancial ao participar delas. Ou as chamou de Ideias na medida em

que são princípios do ser, e Formas na medida em que são princípios do conhecimento. Daí, todas as coisas sensíveis têm ser por causa delas e em conformidade com elas. Elas têm ser por causa das Ideias na medida em que as Ideias são as causas do ser das coisas sensíveis, e "em conformidade com elas" na medida em que são os exemplares das coisas sensíveis.

154. A verdade disso é clara pelo fato de que "muitos indivíduos do mesmo nome" são atribuídos a uma única Forma, i.e., há muitos indivíduos que têm a mesma Forma predicada deles, e predicada por participação. Pois a Forma ou Ideia [de homem] é a própria natureza específica pela qual existe o homem essencialmente. Mas um indivíduo é homem por participação na medida em que a natureza específica [homem] é participada por esta matéria designada. Pois aquilo que é algo em sua totalidade não participa disso, mas é essencialmente idêntico a isso, enquanto aquilo que não é algo em sua totalidade, mas tem essa outra coisa unida a si, é dito propriamente participar dessa coisa. Assim, se o calor fosse um calor subsistente por si mesmo, não seria dito participar do calor, porque não conteria nada além de calor. Mas como o fogo é algo diferente do calor, diz-se que participa do calor.

155. De modo similar, uma vez que a Ideia separada de homem não contém nada além da própria natureza específica, ela é homem essencialmente; e por essa razão foi chamada por ele de homem-em-si-mesmo. Mas como Sócrates e Platão têm, além de sua natureza específica, um princípio de individuação, que é a matéria designada, eles são, portanto, ditos participar de uma Forma, segundo Platão.

156. Ora, Platão tomou este termo participação de Pitágoras, embora [ao fazê-lo] tenha feito uma mudança no termo. Pois os pitagóricos diziam que os números são as causas das coisas, assim como os platônicos diziam que as Ideias são, e afirmavam que as coisas sensíveis desse tipo existem como certas imitações dos números. Pois na medida em que os números, que não têm posição por si mesmos, receberam posições, causaram corpos. Mas porque Platão sustentava que as Ideias são imutáveis para que pudesse haver conhecimento científico delas, ele não concordou que o termo *imitação* pudesse ser usado para as Ideias, mas em seu lugar usou o termo *participação*. No entanto, deve-se notar que, mesmo que os pitagóricos postulassem participação ou imitação, eles ainda não investigaram a maneira pela qual uma Forma comum é participada pelas coisas sensíveis individuais ou imitada por elas. Mas os platônicos trataram disso.

157. Além disso, ele diz (70).

Aqui ele dá a opinião de Platão sobre as substâncias matemáticas. Ele diz que Platão postulou outras substâncias — os objetos da matemática — além das Formas e das coisas sensíveis. Além disso, ele disse que seres desse tipo eram uma classe intermediária entre os três tipos de substâncias; ou que estavam acima das substâncias sensíveis e abaixo das Formas, e diferiam de ambas. As substâncias matemáticas diferiam das substâncias sensíveis porque as substâncias sensíveis são corruptíveis e mutáveis, enquanto as substâncias matemáticas são eternas e imóveis. Os platônicos tiveram essa ideia a partir da maneira como a ciência matemática concebe seus objetos; pois a ciência matemática abstrai do movimento. As substâncias matemáticas também diferiam das Formas porque os objetos da matemática são encontrados numericamente diferentes e especificamente os mesmos; caso contrário, as demonstrações da matemática não provariam nada. Pois, a menos que dois triângulos pertençam à mesma classe, a geometria

tentaria em vão demonstrar que alguns triângulos são semelhantes; e o mesmo é verdade para outras figuras. Mas isso não acontece no caso das Formas. Pois, como uma Forma é apenas a própria natureza específica de uma coisa, cada Forma só pode ser única. Pois, mesmo que a Forma de homem seja uma coisa, e a Forma de asno seja outra coisa, no entanto, a Forma de homem é única, e assim também a Forma de asno; e o mesmo é verdade para outras coisas.

158. Ora, para quem examina cuidadosamente os argumentos de Platão, é evidente que a opinião de Platão era falsa, porque ele acreditava que o modo de ser que a coisa conhecida tem na realidade é o mesmo que o modo que ela tem no ato de ser conhecida. Portanto, como ele descobriu que nosso intelecto entende abstrações de duas maneiras: de uma maneira, entendemos universais abstraídos dos singulares; e de outra maneira, entendemos os objetos da matemática abstraídos das coisas sensíveis, ele afirmou que para cada abstração do intelecto há uma abstração correspondente nas essências das coisas. Daí, ele sustentou que tanto os objetos da matemática quanto as Formas são separados.

Mas isso não é necessário. Pois, embora o intelecto entenda as coisas na medida em que se torna assimilado a elas pela forma inteligível pela qual é posto em ato, ainda assim não é necessário que uma forma tenha o mesmo modo de ser no intelecto que tem na coisa conhecida; pois tudo o que existe em algo outro existe ali segundo o modo do recipiente. Portanto, considerando a natureza do intelecto, que é diferente da natureza da coisa conhecida, o modo de entender, pelo qual o intelecto entende, deve ser um tipo de modo, e o modo de ser, pelo qual as coisas existem, deve ser outro. Pois, embora o objeto que o intelecto entende deva existir na realidade, ele não existe ali segundo o mesmo modo [que tem no intelecto]. Daí, mesmo que o intelecto entenda entidades matemáticas sem entender simultaneamente substâncias sensíveis, e entenda universais sem entender particulares, não é, portanto, necessário que os objetos da matemática existam separados das coisas sensíveis, ou que os universais existam separados dos particulares. Pois também vemos que a visão percebe a cor separada do sabor, embora sabor e cor sejam encontrados juntos nas substâncias sensíveis.

159. E uma vez que as Formas (159).

Aqui ele dá a opinião de Platão concernente aos princípios das coisas; e quanto a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele enumera os princípios que Platão atribuiu às coisas; e segundo (169), a classe de causa à qual eles são reduzidos ("Do que foi dito").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele nos diz que tipo de princípios Platão atribuiu às coisas. Segundo (160), mostra em que respeito Platão concordou com os pitagóricos, e em que respeito diferiu deles ("No entanto, Platão").

Ele diz, primeiro, que, uma vez que as Formas são as causas de todos os outros seres segundo Platão, os platônicos pensaram, portanto, que os elementos das Formas são os elementos de todos os seres. Daí, eles atribuíram como princípio material das coisas o grande e o pequeno, e disseram que "a substância das coisas", i.e., sua forma, é o uno. Fizeram isso porque consideravam esses os princípios das Formas. Pois diziam que, assim como as Formas são os princípios formais das coisas sensíveis, de modo semelhante, o *uno* é o princípio formal das Formas. Portanto, assim como as coisas sensíveis são constituídas de princípios universais por participação nas Formas, de modo

semelhante, as Formas, que ele disse serem números, são constituídas "destes", i.e., do *grande e pequeno*. Pois a unidade constitui diferentes espécies de números por adição e subtração, nas quais consiste a noção de grande e pequeno. Daí, como se pensava que o uno era a substância do ser (porque ele não distinguia entre o uno que é princípio do número e o uno que é conversível com o ser), pareceu-lhe que uma pluralidade de Formas diferentes poderia ser produzida a partir do uno, que é sua substância comum, da mesma forma que uma pluralidade de diferentes espécies de números é produzida a partir da unidade.

160. No entanto, Platão (72).

Aqui ele compara a posição de Platão com a de Pitágoras. Primeiro, mostra em que aspecto concordavam; e, segundo (160), em que aspecto diferiam ("Mas, para estabelecer").

Ora, eles concordavam em duas posições: (1) e a primeira é que o uno é a substância das coisas. Pois os platônicos, como os pitagóricos, diziam que o que chamo de uno não é predicado de outro ser como um acidente é de um sujeito, mas significa a substância de uma coisa. Eles disseram isso, como apontamos (159), porque não distinguiam entre o uno que é conversível com o ser e o uno que é princípio do número.

161. (2) A segunda posição decorre da primeira; pois os platônicos, como os pitagóricos, diziam que os números são as causas da substância de todos os seres; e sustentavam isso porque [em sua opinião] o número é apenas uma coleção de unidades. Daí, se o uno é substância, o número também deve sê-lo.

162. Mas, para estabelecer (73).

Aqui ele mostra em que aspecto diferiam; e, quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, expõe como diferiam. Segundo (164), dá a razão para essa diferença ("Portanto, seu fazer").

Ora, essa diferença envolve duas coisas. Primeiro, os pitagóricos, como já foi dito, estabeleceram dois princípios dos quais as coisas são constituídas, a saber, o limitado e o ilimitado, dos quais um, i.e., o ilimitado, tem o caráter de matéria. Mas, em lugar desse princípio único — o ilimitado — que os pitagóricos estabeleceram, Platão criou uma díade, sustentando que o grande e o pequeno têm o caráter de matéria. Daí, o ilimitado, que Pitágoras alegava ser um princípio único, Platão alegava consistir no grande e no pequeno. Esta é a sua própria opinião em contraste com a de Pitágoras.

163. A segunda diferença é que Platão sustentava que os números são separados das coisas sensíveis, e isso de duas maneiras. Pois ele dizia que as próprias Formas são números, como foi apontado acima (159); e também sustentava, como foi dito acima (157), que os objetos da matemática são uma classe intermediária entre as Formas e as coisas sensíveis, e que são números por sua própria essência. Mas os pitagóricos diziam que as próprias coisas sensíveis são números, e não faziam dos objetos da matemática uma classe intermediária entre as Formas e as coisas sensíveis; nem tampouco sustentavam que as Formas são separadas das coisas.

164. Portanto, seu fazer (74).

Aqui ele dá a razão para a diferença. Primeiro, dá a razão para a segunda diferença; e, em seguida (165), a razão para a primeira diferença.

Ele diz, então, que os platônicos adotaram a posição de que tanto o uno quanto os números existem separadamente das coisas sensíveis e não nas coisas sensíveis, como os pitagóricos alegavam; e eles também introduziram Formas separadas por causa da investigação "que foi feita sobre as estruturas inteligíveis das coisas", i.e., por causa de sua investigação das definições das coisas, que eles pensavam não poder ser atribuídas às substâncias sensíveis, como foi dito (150). Esta é a razão pela qual foram compelidos a sustentar que existem certas coisas às quais as definições são atribuídas. Mas os pitagóricos, que vieram antes de Platão, ignoravam a dialética, cujo ofício é investigar definições e universais desse tipo, cujo estudo levou à introdução das Ideias.

165. Mas seu fazer (75).

Aqui ele dá a razão para a outra diferença, isto é, aquela concernente à matéria. Primeiro, dá a razão para tal diferença. Segundo (166), mostra que Platão não foi razoavelmente motivado.

Ele diz, portanto, que os platônicos fizeram a díade [ou dualidade] ser um número de natureza diferente das Formas, porque todos os números, com exceção dos números primos, são produzidos a partir dela. Chamavam de números primos aqueles que não são medidos por nenhum outro número, como três, cinco, sete, onze, e assim por diante; pois estes são produzidos imediatamente apenas a partir da unidade. Mas os números que são medidos por algum outro número não são chamados de números primos, mas de números compostos, por exemplo, o número quatro, que é medido pelo número dois; e, em geral, todo número par é medido pelo número dois. Daí, os números pares são atribuídos à matéria, uma vez que a ilimitação, que pertence à matéria, é atribuída a eles, como foi dito acima (125). É por isso que ele estabeleceu a díade, a partir da qual, como "uma matriz", ou exemplar, todos os outros números pares são produzidos.

166. No entanto, o que acontece (76).

Aqui ele prova que Platão fez suposições irracionais; e a respeito disso, faz duas coisas. Primeiro, prova isso por um argumento baseado na natureza. Segundo (167), apresenta o argumento baseado na natureza das coisas, que levou Platão a adotar essa posição ("E a partir de uma matéria").

Ele diz que, embora Platão tenha postulado uma díade por parte da matéria, ainda assim o que acontece é o contrário disso, como testemunham as opiniões de todos os outros filósofos da natureza; pois eles afirmavam que a contrariedade pertence à forma e a unidade à matéria, como é claro no Livro I da *Física*. Pois eles sustentavam que o princípio material das coisas é o ar, a água ou algo desse tipo, a partir do qual a diversidade das coisas é produzida por rarefação e condensação, que consideravam como princípios formais; pois a posição de Platão não é razoável. Ora, os filósofos da natureza adotaram essa posição porque viram que muitas coisas são geradas a partir da matéria como resultado de uma sucessão de formas na matéria. Pois a matéria que agora suporta uma forma pode depois suportar muitas formas como resultado de uma forma ser corrompida e outra ser gerada. Mas um princípio especificador ou forma "gera apenas uma vez",

ou seja, constitui a coisa que é gerada. Pois quando algo é gerado, recebe uma forma, e a mesma forma numericamente não pode se tornar a forma de outra coisa que é gerada, mas deixa de existir quando aquilo que foi gerado sofre corrupção. Neste argumento, fica claramente aparente que uma matéria está relacionada a muitas formas, e não o contrário, ou seja, uma forma a muitas matérias. Assim, parece mais razoável sustentar que a unidade pertence à matéria, mas a dualidade ou contrariedade à forma, como afirmavam os filósofos da natureza. Isso é o oposto do que Platão sustentava.

167. E a partir de uma matéria (77).

Aqui ele apresenta um argumento oposto, tirado das coisas sensíveis, segundo a opinião de Platão. Pois Platão via que cada coisa é recebida em outra coisa conforme a medida do recipiente. Assim, as recepções parecem diferir conforme as capacidades dos recipientes diferem. Mas uma matéria é uma capacidade de recepção. E Platão também via que o agente que induz a forma, embora seja um, faz com que muitas coisas tenham essa forma; e isso ocorre devido à diversidade por parte da matéria. Um exemplo disso é evidente no caso do macho e da fêmea; pois o macho está relacionado à fêmea como um agente e aquele que imprime uma forma na matéria. Mas a fêmea é impregnada por um único ato do macho, enquanto um macho pode impregnar muitas fêmeas. É por isso que ele sustentava que a unidade pertence à forma e a dualidade à matéria.

168. Agora, devemos notar que essa diferença entre Platão e os filósofos da natureza resulta do fato de que eles consideravam as coisas de pontos de vista diferentes. Pois os filósofos da natureza consideravam apenas as coisas sensíveis na medida em que estão sujeitas à mudança, na qual um sujeito adquire sucessivamente qualidades contrárias.

Portanto, atribuíam unidade à matéria e contrariedade à forma. Mas Platão, devido à sua investigação dos universais, passou a dar os princípios das coisas sensíveis. Portanto, já que a causa da diversidade das muitas coisas singulares que caem sob um universal é a divisão da matéria, ele sustentava que a diversidade pertence à matéria e a unidade à forma. "E tais são as mudanças desses princípios" que Platão postulou, ou seja, participações, ou, como posso dizer, influências nas coisas geradas. Pois Pitágoras entende a palavra *mudança* dessa maneira. Ou Aristóteles diz "mudanças" na medida em que Platão mudou a opinião que os primeiros filósofos da natureza tinham sobre os princípios, como é evidente pelo que foi dito. Assim, fica evidente pelo que foi dito que Platão lidou dessa forma com as causas que estamos investigando.

169. Pelo que foi dito (78).

Aqui ele mostra a que classe de causa os princípios dados por Platão são referidos. Ele diz que é evidente pelo que foi dito que Platão usou apenas dois tipos de causas. Pois ele usou como "uma" causa de uma coisa a causa de sua "quididade", ou seja, sua causa formal, que determina sua quididade; e também usou a própria matéria. Isso também é evidente pelo fato de que as Formas que ele postulou "são as causas de outras coisas", ou seja, as causas da quididade das coisas sensíveis, a saber, suas causas formais, enquanto a causa formal das próprias Formas é o que chamo de *um*, que parece ser a substância da qual as Formas são compostas. E assim como ele sustenta que o um é a causa formal das Formas, de maneira semelhante ele sustenta que *o grande e o pequeno* são sua causa material, como foi dito acima (159). E essas causas — a formal e a

material — são referidas não apenas às Formas, mas também às substâncias sensíveis, porque [há algum sujeito do qual] o um é predicado no caso das Formas. Isto é, aquilo que está relacionado às substâncias sensíveis da mesma forma que o um está para as Formas é, ele próprio, uma Forma, porque essa dualidade que se relaciona com as coisas sensíveis como sua matéria é o grande e o pequeno.

170. Além disso, Platão indicou a causa do bem e do mal no mundo, e fez isso com referência a cada um dos elementos que postulou. Pois ele fez da Forma a causa do bem e da matéria a causa do mal.

No entanto, alguns dos primeiros filósofos tentaram investigar a causa do bem e do mal, a saber, Anaxágoras e Empédocles, que estabeleceram certas causas no mundo com este fim especial de que, por meio dessas causas, pudessem dar os princípios do bem e do mal. E ao tocar nessas causas do bem e do mal, eles chegaram muito perto de postular a causa final, embora não tenham postulado essa causa diretamente, mas apenas indiretamente, como é dito abaixo (177).

Revision #3
Created 6 September 2026 22:03:06 by Admin
Updated 12 September 2026 23:22:41 by Admin